



**CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**“O RETORNO A FREUD PROPOSTO POR JACQUES
LACAN”**

(Jesiel Gomes)

Orientador: Prof. Átila Gonçalves

Sorocaba/SP

2021

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**“O RETORNO A FREUD PROPOSTO POR JACQUES
LACAN”**

Artigo apresentado em cumprimento às exigências para
A conclusão do Curso de Formação em Psicanálise
sob a orientação do Professor Átila Gonçalves

Sorocaba/SP

2021

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Autor: (Jesiel Gomes)

**“O RETORNO A FREUD PROPOSTO POR JACQUES
LACAN”**

Avaliado em ____ / ____ / ____

Nota Final: () _____

Orientador (Professor Átila Gonçalves)

Professor (a) Examinador (a)

Sorocaba/SP

2021

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO:.....	8
OBJETIVOS	10
PRINCIPAIS CONCEITOS PROPOSTO POR JACQUES LACAN ELABORADOS A PARTIR DE UMA RELEITURA DA OBRA DE FREUD.	11
O estágio do espelho	11
Ideal de Ego/Ego Ideal.....	12
O eu/ego	12
O sujeito na análise.....	13
A linguagem estrutural.....	13
A Linguagem em Freud	13
A Linguagem Lacaniana.....	13
O conceito de inconsciente.....	14
O estatuto ético do inconsciente.....	14
O Inconsciente é estruturado como uma linguagem	15
A Função da linguagem em Saussure	15
A função da linguagem em Lacan	16
Significante.....	17
A Pulsão.....	17
O Desejo.....	18
O Falo	19
Complexo de Édipo	20
Primeiro tempo	20
Segundo tempo.....	20
Terceiro tempo.....	20
A função materna	21
Função paterna, o nome do Pai	21
Pai Real.....	22
Pai imaginário.....	22
Pai simbólico	22
O conceito de gozo para Freud	22

O conceito de gozo em Lacan	23
Real, Simbólico e Imaginário.....	24
O Imaginário.....	25
O Simbólico	26
O Real	26
O Pequeno outro “a” (autre)	29
O Grande Outro “A” (autre).....	29
O objeto “a”	30
A mulher não existe	31
Sujeito do Suposto Saber	31
Não existe relação sexual.....	31
O Divã.....	32
Direção da análise	33
O tempo lógico da sessão	33
RESUMO FINAL	36
FINAL SUMMARY	38
REFERÊNCIAS	41

O RETORNO A FREUD PROPOSTO POR JACQUES LACAN

The Return to Freud Proposed by Jacques Lacan

RESUMO

Lacan nasceu em 1901 e faleceu em 1981. Durante quase 30 anos, em seus seminários, conferências, entrevistas e obra escrita empenhou-se, segundo suas palavras, em restaurar, *"no campo aberto por Freud, a lâmina cortante de sua verdade"*.

Com a publicação dos Seminários, vai se tornar acessível ao público brasileiro a prática teórica de um pensador que colocou em questão a lógica e as ciências humanas e toda a psicanálise através de uma releitura da obra de Freud, obra que para Lacan foi desvirtuada pelos discípulos daquele.

Lacan mostra que o campo freudiano, onde não é o homem que está em questão, mas o inconsciente; sublinha a necessidade de um retorno a Freud em face das interpretações da obra freudiana contrárias ao que há de subversivo nela, bem como à ética aí implícita. Assim, por exemplo, nos Estados Unidos, onde a psicanálise se transformou no que Lacan chama de "human engineering", uma prática em que o analista procura modelar o paciente.

Sujeita à expectativa utilitarista do ego forte, esta psicanálise norte-americana só deu ênfase à instância do ego, produzindo o desvio teórico que de todos considero o mais significativo: a psicanálise do ego (Kris, Hartmann e Loewenstein, todos os membros da Sociedade Internacional de Psicanálise).

Por ter desvalorizado a tópica freudiana — três instâncias: ego, id e superego, ela reduz o sujeito ao ego e a prática analítica à identificação progressiva do paciente com o analista, que só se ocupa das defesas a vencer e só escuta o desejo para o suprimir.

Aqui, o analista se toma por aquele que sabe, e a análise se torna uma luta de prestígio, um exercício deslocado do poder.

Tomar-se por aquele que sabe é o risco que todo analista corre, mas é sobretudo a armadilha na qual não deve cair.

Se sabe a priori, já não está em posição de vir a saber, descobrir a verdade conforme o procedimento originário de Freud.

Foi em oposição a todos estes acontecimentos que distanciavam a psicanálise de seu criador que Lacan após reler toda obra freudiana propõe um retorno a Freud e da ênfase a principal descoberta freudiana que é o inconsciente e a sexualidade.

Palavras-chave: retorno a Freud; Inconsciente e Sexualidade.

ABSTRACT

Lacan was born in 1901 and died in 1981. For nearly 30 years, in his seminars, conferences, interviews and written work, he strove, in his words, to restore, "in the field opened by Freud, the cutting edge of his truth".

With the publication of the Seminars, the theoretical practice of a thinker who questioned logic and the human sciences and all of psychoanalysis through a re-reading of Freud's work will become accessible to the Brazilian public, a work that for Lacan was distorted by his disciples of that.

Lacan shows that the Freudian field, where it is not man who is in question, but the unconscious; underlines the need for a return to Freud in the face of interpretations of Freud's work contrary to what is subversive in it, as well as to the ethics implicit therein. Thus, for example, in the United States, where psychoanalysis has become what Lacan calls "human engineering", a practice in which the analyst seeks to model the patient.

Subject to the utilitarian expectation of the strong ego, this American psychoanalysis only emphasized the instance of the ego, producing the theoretical deviation that I consider the most significant of all: the psychoanalysis of the ego (Kris, Hartmann and Loewenstein, all members of the International Society of Psychoanalysis).

By devaluing the Freudian topic - three instances: ego, id and superego - it reduces the subject to the ego and the analytic practice to the patient's progressive identification with the analyst, who only deals with the defenses to be overcome and only listens to the desire to suppress it.

Here, the analyst takes himself for the one who knows, and analysis becomes a struggle for prestige, a displaced exercise of power.

Taking the one who knows is the risk that every analyst runs, but it is above all the trap that he should not fall into.

If he knows a priori, he is no longer in a position to come to know, to discover the truth according to Freud's original procedure.

It was in opposition to all these events that distanced psychoanalysis from its creator that Lacan, after rereading all of Freud's works, proposes a return to Freud and to emphasize the main Freudian discovery that is the unconscious and sexuality.

INTRODUÇÃO:

No período de 1953 a 1980 Lacan realiza 28 seminários onde rele a obra Freudiana através de uma linguística reformulada onde sempre repete em seu discurso “ Eu sou aquele que leu Freud”;

Crítica a psicanálise pós-freudiana porque os psicanalistas param de ler Freud, focam apenas na segunda tópica de Freud sobre o ego e a fragilidade egóica (segunda tópica 1923 O ID e o Ego ou Eu e Isso) e esquecem a primeira tópica (1900 interpretação dos sonhos, chiste e sua relação com o inconsciente e a sexualidade).

Egos fortes egos fracos e dar suporte ao ego (ego auxiliar), quem o psicanalista é para oferecer seu ego? Que condições o ego dele tem para oferecer isso? Quem pode dizer qual ego é forte e qual é fraco? Você vai adaptar o ego dele? Defesas primitivas e fragilidade egóica vou adapta-lo?

Freud já dizia na primeira tópica falando sobre um sujeito desadaptado, algo que contraria a vontade do sujeito, o sujeito que se estranha se interroga se depara com o pior em si mesmo, em nenhum momento ele fala em adapta-lo;

A revolução de Freud é o inconsciente mostrar que a consciência não é o centro, o ser humano tem por trás disso um desejo agressivo e sexual.

A articulação entre inconsciente e linguagem, manifesta em Freud, é retomada por Lacan com o intuito de situar o devido lugar da linguagem em sua relação com o inconsciente, uma vez que o movimento psicanalítico posterior a Freud deturpa a leitura do inconsciente de modo a situá-lo num campo psicologizante, subjetivado.

Esta é a denúncia feita por Lacan: inconsciente e verdade foram lançados pelos psicanalistas como mais um destes conceitos que parecem estar tão atrelados ao seu sentido e que ficam fora de questão, pressupõem quase que instantaneamente um entendimento, uma compreensão atrelada ao próprio conceito.

Consequentemente Lacan denuncia os desvios dos psicanalistas da própria Psicanálise, na medida em que se aproximam mais de uma psicologia do inconsciente, como uma prática voltada para o fortalecimento do eu, do que de fato para uma prática que tem como vértice a ética do desejo, tomado como efeito da articulação da cadeia significante da linguagem, tal como a proposição freudiana a ser resgatada por Lacan.

Com esta perspectiva temos que o retorno a Freud proposto por Lacan não diz respeito a uma releitura de Freud, mas sim diz de um retorno aos fundamentos éticos da Psicanálise.

Nesse retorno Lacan irá ressuscitar a dimensão ética do desejo na experiência psicanalítica e na noção de sujeito, problematizando a 'dualidade' sujeito/objeto. Por esta via, o sujeito não é causa, mas sim, efeito, causado pelo objeto do desejo e determinado pela linguagem.

A noção de sujeito coloca para Lacan a questão do saber enquanto inconsciente, e da verdade enquanto efeito do dizer, como veremos ao investigar os fundamentos do sujeito lacaniano, desde sua referência fenomenológica, quando Lacan recorre principalmente a Hegel, via Kojève, para pensar a constituição do sujeito; passando por Lévi-Strauss que, com a antropologia estrutural, irá possibilitar a aceitação da noção de inconsciente e de um sujeito do inconsciente determinado estruturalmente; até a proposição da subversão do sujeito, em que Lacan pode articular com precisão que o sujeito na Psicanálise é desde o princípio, com Freud, tomado em sua subversão, no que tange um sujeito determinado pelo real da pulsão e pelo simbólico da linguagem, e tendo o desejo como via de expressão.

Ao reler Freud Lacan reveste a psicanálise com uma nova linguagem rica em conceitos que redefinem o entendimento da psicanálise freudiana abrindo campo para novas pesquisas que colocam a psicanálise novamente no caminho científico e nos debates do campo do conhecimento humano conquistando novas mentes brilhantes que até os dias atuais conquista novos seguidores para esta teoria proporcionando com isso o lugar de destaque em cursos, seminários e universidades que buscam novos entendimentos pelos escritos deixados por Lacan.

OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo orientar os psicanalistas em formação e aos recém-formados a importância do retorno às bases fundamentais da Psicanálise proposto por Jacques Lacan, tais como: o inconsciente e a sexualidade, sendo ambos raízes da teoria proposta pelo seu criador Sigmund Freud como norteadores do método de tratamento analítico dentro da clínica psicanalítica.

PRINCIPAIS CONCEITOS PROPOSTO POR JACQUES LACAN ELABORADOS A PARTIR DE UMA RELEITURA DA OBRA DE FREUD.

A seguir farei uma explanação sobre os principais conceitos criados por Jacques Lacan, pois através destes conceitos é que conseguimos ler a obra freudiana com maior clareza e profundidade de conhecimento.

O estágio do espelho

É o texto inaugural de Lacan na psicanálise, visa responder uma questão dada por Freud de como se dava a passagem do autoerotismo para o narcisismo e a constituição do (eu).

O eu há de ser constituído, não é por biologia ele é o produto de uma relação.

Lacan vai importar para psicanálise esta tese baseado em experimentos de Henri Wallon.

A seguinte pergunta é feita, o que o bebê vê quando olha a sua imagem no espelho?

Essa experiência se inicia aos seis meses e vai até dezoito meses aproximadamente, ela é dividida em 03 tempos fundamentais:

Primeiro tempo: Inicialmente o bebe humano não se interessa pelo espelho, para ele o espelho não se distingue de outros objetos.

Segundo tempo: A criança começa a se interessar pela imagem mas inda não compreende direito e o que ela vê é a imagem de uma outra criança, ela começa a interagir com esta imagem duplicada, tenta pegar, ela quer brincar com esta outra criança (mesmo nível dos animais); Esta passagem vai dar origem a famosa frase de Lacan "O EU É UM OUTRO".

Terceiro tempo: Aqui nesta experiência a criança se distingue dos animais, aos poucos ela começa a observar um realidade duplicada, tudo o que tem do lado

de cá, tem do lado de lá, até que após um período nesta relação ela vai ter o primeiro insight , que a criança do espelho nada mais é do que ela mesma, o que a leva a buscar através de um sorriso o olhar do outro que aprove esta conquista ou seja preciso do reconhecimento do outro para definir quem sou; (transitivismo, corpo imaginário); Quando ela reconhece este outro como ela, Lacan vai falar que ela vai se apaixonar por esta imagem de si, saindo do autoerotismo, dando início ao narcisismo e ao investimento da sua libido nesta imagem. Ex.(a/a').

Apesar desta criança ver no espelho um corpo inteiro coeso ela ainda é um corpo muito frágil, mas ela ignora sua limitação, então ela cria uma imagem mental deste corpo inteiro, porém quando ela vai tentar andar ela cai, então a imagem a supera nesta hora o eu que ela estava reconhecendo naquela imagem volta a ser um outro, durante um tempo fica esta relação de transitivismo de hora ser eu hora ser um outro; Ex. (criança quando o outro cai chora junto, o bate no outro e diz ele me bateu).

Ideal de Ego/Ego Ideal

Nesta fase do espelho os desejos dos pais também são projetados para a criança, então a criança quando nasce já tem uma missão esperando por ela, esta missão é seja isso daqui;(Ideal do Ego).(Narcisismo e Superego).

Para ela ser desejada pelos pais ela vai achar as coordenadas para conseguir ficar neste lugar de desejo, quando ela faz algo e os pais elogiam e ela consegue ficar no lugar do desejo, e quando os pais olham com olhar de desejo ela tem certeza que ela é isso; (Ego Ideal).

O eu/ego

Nesta hora o eu esta formado, mas precisa ficar claro que este eu é um engano é o eu com letra minúscula, o eu do Ego, (ego ideal) o eu do moá, o eu do outro (a') que Lacan fala, o eu da consciência.

Lembrando que a consciência é o índice de verdade desde Descartes, é o eu que a psicologia em geral pensa na questão da consciência.

Mas para a psicanálise esta consciência é um engano, a certeza que você tem de algo, a consciência que você tem de algo tem muito mais haver com o ideal, que esta muito longe de quem você realmente é.

O sujeito na análise

Na análise o sujeito vem para sessão apresentando este eu, ele busca na análise alguém para dizer quem é ele (se é gostoso ouvir nosso signo imagine um psicanalista que diz quem é você), (você não foi amada, você não foi vista, você é boderlaine).

Por conta do lugar de mestre que a gente ocupa, se a gente falar algo a gente esta dando as coordenadas supostamente do nosso desejo que o paciente vai tentar se encaixar naquilo para ele conseguir ser sentido, ser olhado, ser desejado pelo analista (Lacan e Freud não endossam este lugar).

A linguagem estrutural

"A linguagem permeia toda nossa existência. Pela linguagem nos definimos e constituímos, através dela se estabelecem as relações de afeto, de amor , de poder e de desejo" .

A Linguagem em Freud

O texto freudiano sobre "o sentido antitético das palavras primitivas", é uma referência fundamental para aqueles que se interessam pela interface entre Linguística e Psicanálise, nela Freud aponta para a importância do significante (a palavra em si) como foi mais aprofundado por Lacan.

A psicanálise propõe a cura pela fala, Lacan questiona se um vocabulário cheio de sentidos já pré-determinados, conseguiria exprimir a originalidade de nossos desejos, se a fala não serviria mais para ocultar do que para revelar a nossa verdade.

A Linguagem Lacaniana

Inspirado no linguista Saussure, Lacan importa para a psicanálise alguns conceitos importantes da linguística estruturalista, buscando nela a fala do inconsciente.

O estruturalismo é um método de análise científica das ciências humanas e sociais que ganhou espaço na psicologia, na linguística, na sociologia, na antropologia e na filosofia no século XX.

O conceito de inconsciente

Lacan está empenhado em estabelecer os conceitos fundamentais do campo psicanalítico, a começar pelo primeiro e o mais importante, o inconsciente.

Já vimos que o conceito fundamental do campo psicanalítico (o inconsciente) não tem estatuto ontológico, uma vez que não é da ordem do ser (nem do não ser).

Tampouco se pode afirmar que seu estatuto é ôntico (existente), já que ele só “existe” pelo próprio movimento de furtar-se de toda e qualquer tentativa de conceituação exaustiva.

O estatuto ético do inconsciente

Como então conferir-lhe um estatuto conceitual, e qual seria ele?

Lacan é levado a afirmar que “O estatuto do inconsciente, tão frágil no plano ôntico, é ético”, ele não é ser nem não ser, mas, é algo de não-realizado” (LACAN, 1964/1988, p. 33-34).

O inconsciente de Lacan, diferente de Freud é uma descontinuidade, ele só existe enquanto esta na palavra, ele só existe enquanto esta no ato falho, no chiste, nos sonhos e no sintoma, ele é volátil e é latente ele deixa de existir e existe ele vai e volta, vai e volta.

O lugar do inconsciente é o lugar da linguagem”, se a gente esta em uma troca de linguagem o inconsciente esta aqui.

De uma certa forma, o inconsciente é o conjunto de regras estruturais da linguagem que moldam a forma do pensamento consciente.

Quando chegamos ao mundo somos imersos em uma conversa que já esta em curso “a linguagem é imposta e a pessoa não tem outra escolha a não ser falar”.

O Inconsciente é estruturado como uma linguagem

Você acha que domina a linguagem, mas é a linguagem que domina você”, ela tem suas próprias regras, suas leis e te impõe uma série de coisas que você nem percebe por estar imerso nela.(Ex. o que você diz nos locais que você frequenta).

Saímos assim de um registro "arqueológico", no qual o inconsciente é o texto escondido sob o texto da consciência, para transformá-lo na estrutura formal do pensamento.

A Função da linguagem em Saussure

A linguagem é composta por Signos, sendo ele representado por uma divisão de dois conceitos, Significante e Significado.

Onde o Significante seria uma imagem acústica da palavra e o Significado seria um uma imagem mental da palavra.

Ex. Caneta ao pronunciar a palavra (caneta) o som acústico da palavra é o significante e a imagem que ela produziu em minha mente é o significado, porém independente da imagem que pensei ela me remeterá a um significante específico por haver um entendimento coletivo sobre este item.

A função da linguagem em Saussure seria conectar o significante ao significado, (imagem acústica a imagem mental) que não possui nenhuma relação entre si, tanto é que se eu passar um nome diferente a uma criança ela nomeará o objeto erroneamente, por não haver uma relação naturalizada entre ambos, sendo nas relações sociais que se produzirá um significado para cada significante.

A criança antes de ser inserida na linguagem vai separando alguns sons diferenciando uma coisa da outra (significante acústico papá/ significado mental comida); assim forma o signo da linguagem.

A função da linguagem em Lacan

Lacan faz uma leitura de Saussure e diz, “isto não é válido”!

Para Lacan a linguagem não se forma na conexão do significante com o significado, mas sim em uma cadeia de significantes.

Isso quer dizer que eu preciso de vários significantes para obter um significado: Ex. (mãe, papá, bebê) são 03 significantes diferentes e não é que o significante mãe vai se ligar diretamente a um significado imagem materna, não há esta conexão direta entre mãe e imagem materna, mas é uma cadeia de significantes que na sua relação produz um significado, ou seja é esta relação entre as imagens acústica (mãe, papá, bebê) que produz para a criança a imagem mental de mãe.

Como este significados que a criança ou o adulto produz tem ligação direta com uma cadeia de significantes (mãe, bebe, mamá) o mesmo significado pode se deslocar quando a criança ou o adulto muda o sentido das palavras (significantes) ou insere um novo significante nesta cadeia, Ex.(mãe, bebê, mamá, **medo**); um novo significante inserido pode mudar o significado completamente.

Então podemos observar porque o ato falho ocorre na fala, Ex.(estou falando de minha namorada e uso a palavra mãe, estou falando do meu chefe e sai funcionário ou carrasco), este ato falho ocorre porque no inconsciente existe um significado e quando vou converter em significante acabo utilizando o significado do inconsciente.

Como a clinica opera apenas por meio da reorientação da palavra do sujeito, nada mais lógico do que pensar a cura como um processo de simbolização e verbalização dos sintomas e desejos inconscientes.

Significante

O significante sozinho não produz sentido e precisa de no mínimo duas palavras para compor um significado. Ex. (manga, árvore). (manga: da blusa ou fruta e árvore de jardim ou árvore genealógica).

O mesmo significante também pode ter duplo sentido. Ex. (Advogado, Psicanalista), quando repito a mesma palavra ex. existem advogados e advogados, existem psicanalistas e psicanalistas.

Estamos alienados a linguagem como um peixe no aquário e não percebemos. Ex.(Advogado, Psicanalista, Professor).

As palavras primitivas tinham sentido único, hoje os dicionários são extensos na tentativa de adequar a palavra ao conceito dos significados que queremos nomear (ex. palavras antes normais hoje consideradas preconceituosas Homossexualismo/Homossexualidade, Preto/Negro).

A Pulsão

O termo está no singular porque Lacan unifica o dualismo freudiano entre pulsão de vida e de morte. "Toda pulsão é virtualmente pulsão de morte".

Aqui Lacan não pensa exatamente na morte física e no retorno ao inanimado biológico de Freud, mas em uma "morte simbólica" por meio da qual o sujeito se desvincularia de todos os seus papéis sociais, colocando em cheque a ação organizadora da ordem simbólica.

É interessante perceber aqui uma inversão de perspectiva fundamental, em Freud, a pulsão de morte aparecia como obstáculo à eficácia da clínica, já que era o que resistia aos mecanismos de simbolização.

Já Lacan troca os sinais e vê a pulsão de morte como a manifestação criadora de um desejo que não pode ser satisfeito pelo utilitarismo que rege nosso universo simbólico, com imperativos de adaptação, felicidade e sucesso.

O Desejo

A essência do Homem é uma essência vazia, feita por uma falta, dada pelo que não temos, a esta falta damos o nome de desejo”.

Nem tudo do desejo cabe na linguagem, todos nós somos seres falantes, todos nós buscamos algo e encontramos o que buscávamos, mas apesar de ter encontrado algo, ainda falta alguma coisa Ex.(quero comer algo, quero encontrar alguém, quero alguns bens materiais, quero uma carreira, busco relação sexual), mas para todos existe o mais além, o desejo se encaixa neste mais além, aquilo que mesmo após eu ter conquistado está falta que ainda continua em mim chama se desejo.

Ele é manifestação de um vazio, de uma pura negatividade que quer consumir os objetos nomeados pela linguagem, passar por eles, mas que não se satisfaz com nenhum. "O desejo é sempre o desejo de Outra coisa”.

O Núcleo do ser do sujeito lacaniano, a característica principal do desejo é não ter objeto naturalmente dado (ao contrário das relações objetais).

O desejo humano é indissociável da linguagem, somos governados pelo desejo, mas não o desejo de objetos, eu não quero possuir o outro, o seu trabalho, seus bens eu quero o seu desejo (Ex. o desejo nas crianças, adultos e objetos).

Para Lacan, um objeto só se torna desejável a partir do momento em que ele é objeto de desejo do Outro. Daí a frase: “O desejo do homem é o desejo do Outro“ Ex.(Ciúmes na relação).

O desejo materno preenchido pela criança (ex. Livro na estante) ele entra mas desde que esteja de acordo com as regras, tamanho, altura, posição etc.)Assim também é a criança para entrar no desejo da mãe ela precisa se alimentar a este desejo para conseguir ficar como falo materno.

O Falo

Dicionário da Psicanálise última linha, (Na França Jacques Lacan tentou rescentrar a teoria psicanalítica em torno da noção de falo como significante do desejo).

Somos seres faltantes porém as vezes conquistamos algo que tapa este buraco provisoriamente.(rolha), porém está rolha com o tempo escorrega, mas ela serviu para tampar o buraco mesmo que momentaneamente este objeto está coisa que tampa este buraco, Lacan vai denominar de falo (falo representacional).

Afinal ele é o significante do desejo ele vem nomear provisoriamente o desejo, não definitivo porque o desejo em si é indizível, Ex.(Celular, carro, carreira, posição social).

Termo que indica o valor simbólico e imaginário adquirido pelo órgão sexual masculino nas fantasias.

O Falo ocupa um lugar privilegiado na teoria lacaniana porque todos os sujeitos (masculinos ou femininos) organizam seu desejo a partir da posse do Falo.

O universo lacaniano será claramente falocêntrico e por trás de todos os elementos do simbolismo social há sempre o significante fálico, na sociedade tudo gira em torno das múltiplas identificações possíveis com um significante primordial. Só que, no lugar do totem, temos o falo.

O bebê nasce como falo materno e se tudo der certo ele vai perder este lugar de falo, se ele continua no lugar de falo materno isso tem consequências que pode levar a psicose. “A mulher grávida só não é uma psicose porque existe um bebê ali” (Winnicott); ex.(paixão/demência).

Isso serve de base para entender o efeito do que é uma pessoa “de posse” do seu falo, até porque o falo efetivamente não existe, temos apenas a representação dele, uma representação que tem haver com sentimento de poder de onipotência: (pense o seguinte eu preenchi minha falta, nada mais me falta eu sou super poderoso).

O falo é símbolo do poder e virilidade, mas você já escutou por aí que a virilidade é a coisa mais frágil que existe?

O falo sendo a coisa mais importante que preenche minha falta e por isso me torna tão poderoso é a coisa que eu mais tenho medo de perder é a parte que mais eu vou proteger e a parte que mais eu quero preservar porque se eu perder aquilo eu volto neste estado faltante.

Perceba que é impossível você permanecer com o falo, perceba que o falo é está dimensão representativa que sempre vai nos escapar.

Complexo de Édipo

O complexo de Édipo conforme Lacan reformulou consiste numa dialética, cuja as principais alternativas são: (ser ou não ser o falo, ter ou não ter o falo).

Lacan divide o Édipo em três tempos ocupado pelo falo no desejo dos três protagonistas (criança, mãe e pai).

Primeiro tempo

A relação entre a mãe-criança é marcada por uma indistinção funcional, onde o filho é identificado como falo materno (único objeto que pode satisfazer a mãe).

Segundo tempo

É caracterizado pela intervenção de um terceiro que introduz a lei da interdição á relação funcional da mãe com o filho permitindo que a criança se depare com a questão da falta (O “pai” passa a ocupar um lugar significativo do desejo materno).

Terceiro tempo

A criança percebe que o pai também não tem o falo e sua questão agora não esta mais em ser ou não ser o falo, mas em ter ou não ter o falo.

É o encontro com a falta que possibilita ao sujeito constituir-se como ser desejante é porque me falta algo que desejo que vou correr constantemente atrás de algo.

A função materna

Crítica as escolas inglesas que dá atenção a função materna e deixa de lado a função fálica a função do pai.

O papel da mãe é o desejo da mãe, a mãe é a que gerou? Não a mãe é uma função! A função da mãe é o desejo da mãe!

É importante este desejo pois ele que vai possibilitar o narcisismo/estádio do espelho. Mas não significa que não possa causar estragos. A mãe é um grande crocodilo cuja boca vocês estão. E a qualquer momento ela pode fechar a boca e ficar com vocês, uma mãe imprevisível um desejo imprevisível.

O que provoca a ansiedade? Ao contrário do que dizem as pessoas não é nem o ritmo nem a alternância da presença/ausência da mãe, o que provoca isso é que a criança delicia-se em repetir os jogos de presença ausência, a segurança na presença é encontrada na possibilidade da ausência.

O que mais causa ansiedade na criança é quando a relação através da qual ela venha a " ser" baseada na falta que a faz desejar é mais perturbada porque não há nenhuma possibilidade de falta, Ex.(Apaixonados desde manhã até a noite juntos um sabendo da rotina do outro não sobra espaço para o desejo até que uma hora um empapuçá e sai).

Função paterna, o nome do Pai

Segundo Lacan não adianta o pai estar presente e não fazer a função, é necessário que a mãe faça referência ao pai, ele precisa estar no discurso da mãe como destinatário do desejo materno.

A mãe fálica não carrega em seu discurso o nome do pai, neste caso o desejo dela continua no filho, causando um aprisionamento imaginário (a bolsa ou a vida).

Tem ligação direta com a castração simbólica do complexo de Édipo, que vai definir as estruturas clínicas.

Lacan faz uma divisão na representação paterna em Pai Real, Pai Simbólico e Pai Imaginário.

Pai Real

Carne e osso, o pai biológico, que está ali presente, mas em dialética fálica ele não serve para nada, no sentido de determinar a estrutura.

Pai imaginário

É a imagem que temos do pai, é a construção que fiz de acordo com minha imaginação que não necessariamente pode ser real (agressivo, violento, forte, fraco, bondoso, inseguro, impotente) é o pai com o qual eu me relaciono.

Pai simbólico

É este que importa, ele está no discurso da mãe como destinatário do desejo materno, este lugar não está fixo em uma pessoa e não é necessariamente uma pessoa (pai, irmão, trabalho, é o mundo chamando) ele é uma função que quando utilizada possibilita ao sujeito o acesso à estrutura simbólica e que lhe permitirá nomear seu próprio desejo.

Se não houver algo que coloque um freio no desejo da mãe isso causará um estrago na criança a função paterna vai atrair o desejo da mãe para ele e que pode auxiliar neste processo da criança ver que ela perdeu algo para que o desejo possa nascer.

O conceito de gozo para Freud

Os primórdios do conceito de gozo estão em Freud, mas ele não deixou especificado em sua teoria este conceito.

No texto “além do princípio do prazer” Freud fala sobre a marca pulsional, que leva a criança em busca de uma satisfação além do prazer fisiológico, Ex. (Amamentação).

Neste texto ele fala também da compulsão a repetição, algo que se fixa e repete na vida e que não necessariamente é vivido como prazer, mas produz uma satisfação em relação a pulsão.

É neste contexto que o gozo esta ligado a esta perda que tenta se escrever na linguagem mas não se inscreve plenamente na ordem simbólica, ela acaba fixando alguma coisa no desejo.

O ganho primário dos sintomas, não tem palavras na linguística para o definir, no fundo o sintoma é formado em torno de uma modalidade de satisfação, que Freud chamou de satisfação inconsciente.

Porém temos um problema linguístico conflitante nesta satisfação ligada ao princípio do prazer, pois aquilo que é satisfação para o consciente pode ser insatisfação para o inconsciente.

O conceito de gozo em Lacan

Lacan vai unificar estas polaridades com o conceito de Gozo.

Há em Lacan uma distinção entre gozo e prazer, o prazer está ligado à repetição de experiências primeiras de satisfação que ocorreram na vida infantil.

O gozo está para além do princípio do prazer e sempre indica processos de transgressão de limites que tocam o sofrimento e a morte: "O caminho em direção à morte não é outra coisa que aquilo que chamamos de gozo", O gozo esta ligado a repetição, por isso Lacan junta ele a pulsão de morte; (só existe uma pulsão).

Mais para frente Lacan faz uma divisão entre Gozo fálico e gozo do outro ou outro gozo.

Gozo fálico esta ligado ao conceito de falo, falo como significante o gozo que de uma certa forma se articula ao significante a linguagem o laço com o outro, o gozo buscado fora do corpo que passa pelo laço com o outro ligado a busca do prazer.

O outro gozo seria este gozo fora da linguagem este do gozo do qual a gente recua ao se aproximar dele por ele ser algo do campo do horror, ligado a satisfação da pulsão.

É fundamental saber distinguir prazer e satisfação na escuta analítica.

Sobre a pulsão Freud nos ensina que a satisfação dos impulsos sexuais nem sempre vai ser permitida pelo ego, o ego pode permitir a satisfação de certas inclinações sexuais mas não permitir de outras, ex. (o sujeito heterossexual tendo o ego que se identifica com a orientação heterossexual, então para onde vai o impulso homossexual? Ex. (identidade de gênero).

Eles irão se manifestar por meio dos sintomas, (relacionamento doentio, dependência química, jogos de azar, doenças no corpo) ao se manifestar por meio do adoecimento os impulsos estão se realizando estão sendo satisfeitos, a esta satisfação disfarçada que acontece contra a vontade do sujeito é que Lacan vai chamar de o outro gozo, por tanto o sujeito esta gozando de seus impulsos através de sua doença.

Real, Simbólico e Imaginário.

Tem uma lógica na obra de Freud, (Interpretação dos sonhos) onde menciona que o sonho é a realização do desejo! Mas para quem o desejo estaria sendo realizado?

Para isso Freud elabora uma construção que ele chama de aparelho psíquico, para dar conta deste (para quem): este aparelho psíquico ele divide em 03 partes criando a trilogia: (consciente, pré-consciente e inconsciente) que mais tarde juntará a este aparelho psíquico o (eu, o isso e o Supereu).

Lacan também montará uma trilogia (real, simbólico e imaginário) que também tem uma função de aparelhagem psíquica e fornece um entendimento sobre o funcionamento do psiquismo humano.

Este método vai dar uma dimensão não somente do interior do sujeito como em Freud, mas também de tudo aquilo que está fora ou que está em torno do sujeito, aquilo que lhe escapa que não está integrado a ele.

Real simbólico e imaginário serve como uma espécie de bússola com 03 nortes que vai direcionar a prática analítica.

O Imaginário

Lacan entra na psicanálise pela via imaginária com o caso Aimê.

É o registro da construção do eu/ego por excelência de sua antecipação como completude, como se o eu dominasse tudo em nossa mente e a gente tivesse comando pela consciência.

É a fala a partir do ego, onde eu acho que os outros me compreendem se eu posso ver eles também.

Imaginário tem haver com as percepções, é aquilo que interpreto sem as palavras, o gesto a fisionomia da pessoa segundo meus próprios instintos.

Lacan afirma que a alienação é constitutiva da ordem do imaginário e que a alienação é o imaginário como tal (sem 03) está reiterando que o eu e o outro são inseparáveis em sua natureza, o eu e o pequeno outro não se separam é uma e a mesma coisa.

No imaginário que encontramos os significados, é nele que a gente cria nossa relação com a realidade.

Termos-chaves do imaginário: a imagem, o narcisismo, o significado e o pequeno outro.

Imaginário: Certeza Absoluta, Sentido Absoluto o apaixonado, o psicótico.

O Simbólico

Para o simbólico precisamos lembrar de outros termos que são: a linguagem, a função da fala, o significante, o inconsciente e o Grande Outro.

O simbólico é o local da dúvida/duplo sentido das palavras.

É onde fica a Cadeia dos significantes :(carro, elefante, trem).

É caracterizado pelo campo da linguagem pela função da fala, é um sistema de trocas, regidos por uma lei que sobre determina a escolha do sujeito.

Enquanto o pequeno outro fica no imaginário, o Grande OUTRO fica no registro do simbólico.

Simbólico tem haver com a razão que define a realidade.

Como Lacan subordina a sociedade e a cultura à linguagem, a ordem simbólica será um conjunto de significantes que determina os lugares que cada um pode ocupar na vida social; Ex.(advogado, psicanalista, professor).

A questão é como apaziguar as tensões narcísicas que vem do imaginário como domestica-lo pelo registro do simbólico.

O Real

O paciente conta sobre sua vida, mas sempre repete a mesma história, ela não consegue sair desta repetição, faz sempre os mesmo erros, esta repetição onde o desejo não consegue ser capturado pela linguagem, aquilo que foi subtraído da realidade Lacan vai dar o nome de REAL.

Termos do Real: Irrepresentável, Indizível, traumático e gozo.

Quando nasce é o real, aos poucos vamos aprendendo a nomear as coisas formando a nossa realidade a partir do que já estava nomeado pela linguagem.

Perder os pais torna alguém órfão; perder o filho torna os pais o que? Não existe palavra, e alguém que passou por isso cai neste buraco indizível.

Real x Realidade: Maquiar do morto para chegar próximo a realidade como ela vivia é uma forma de contornar o real.

Caixão lacrado para não ver o real a morte e como ela é.

O real está presente em todos os não-ditos que tem estrutura de trauma (que atrai significantes o tempo) e também nos não-ditos que simplesmente nunca foram nomeados porque o sujeito nunca precisou passar por perto deles.

O real é aquilo que é prévio da simbolização, antes do simbólico simbolizar os significantes ele é real, e também o resto desta simbolização que não consegue ser integrado na cadeia dos significantes; Ex:(Real/Realidade:(simbólico, imaginário)/Real.

O Real é um furo na realidade e não consigo nomear a todos.

O sofrimento é amenizado quando se chega ao nome dele.

O sonho deforma o real para que o sonhador possa suporta-lo, e quando está real demais o sujeito acorda, acorda “para continuar sonhando” em sua realidade.

O real pode ser nomeado na palavra dada pelo pastor, na musica, em uma frase que te ajuda a suportar o sofrimento.

O DSM não nomeia o real, apenas da significado aos significantes, o psicanalista faz o caminho o inverso, ele pega o significado que ele trouxe do psiquiatra e transforma em significantes na tentativa de levar o sujeito a se interrogar, tirando a certeza que ele tem de si.

Fazendo intervenções na realidade eu adapto o paciente, se fico no modelo empático de colocar no lugar do outro de achar na literatura o que ele tem, eu tenho o risco de duplicar uma pessoa, reduzindo ele aos meus significantes.

O analista intervém no real ou na realidade? O analista intervém no Real, a medida que vou nomeando o real a realidade muda.

Fazer intervenções no real aponta para criatividade, gera angústia e ele precisará nomear uma nova parcela de Real e após nomeada, vai entrar na cadeia da realidade, como um novo significante, e cada novo significante que entra na frase modifica o sentido da frase e conseqüentemente vai modificar sua realidade. “Aprendi novas palavras e tornei outras mais belas” (Carlos Drummond).

O Analista aponta para fora da realidade, mas não nomeia o Real.

Na clínica, uma forma de pensar isso é deixar com que a pessoa fale, fale, fale conte sua fala vazia (a mesma que ela fala pra todo mundo), escutar a realidade dela até chegar os limites e neste fim, onde acaba as palavras inicia o real e quando isso acontecer não correr em seu auxílio.

O paciente chora eu não devo entrar na via empática de dar significado para o choro, eu por respeito aos indizíveis que ela não consegue nomear, vou dar o tempo para que ela comece a se arriscar.

O analista aponta para o futuro para o real, ele volta na infância pois lá é onde foi dada as primeiras nomeações do real, porém a saída a elaboração do real precisa ser outra, senão sujeito volta e nomeia o mesmo de sempre e a realidade será a mesma.

Real simbólico e imaginário estão interligados, tem momentos de desatamento que depois podem ou não serem refeitos.

Caso 01: Registro do amor: (simbólico + imaginário), o amor não admite falhas ou faltas no amor tudo tem sentido Ex.(apaixonado, paciente fascinado com a análise), Obs. Falta castração.

Caso 02: Registro do ódio/paranóia: (Real + imaginário), não tem duplo sentido. Ex. (política, religião, guerras, psicótico), Falta o simbólico.

Caso 03: Registro da ignorância: (Real + simbólico), eu tenho a falta de sentido e o duplo sentido, ou seja nunca chego a uma certeza, (não quero saber de nada, não se comprometo com nada é sempre relativo), Precisa ser trabalhado as certezas.

O Pequeno outro “a” (autre)

O pequeno “a” ou o pequeno outro, esta presente desde o início da obra de Lacan a partir do estádio do espelho, indo até o seminário 09, onde surgirá uma outra denominação como objeto “a”.

O “eu” nunca vem sozinho, ele esta sempre acompanhado e alienado ao “outro”, que se transforma em seu eu ideal.

O pequeno “a” é o lugar da imagem, do amigo, do rival é um semelhante que eu acho que compreendo, ele empresta a imagem para constituição do “eu”.

Há um desejo de reconhecimento de um pelo outro que se transforma em alienação ou em uma luta mortal, (ou eu ou você).

O Grande Outro “A” (autre)

O Grande Outro em contraposição ao pequeno outro, não é uma pessoa é um lugar de onde eu recebo minhas mensagens invertidas, que me faz escutar a mim mesmo além do meu ego.

O Grande Outro é o tesouro dos significantes, ao qual estou submetido, pode ser uma instituição, uma pessoa, o pai (imaginário), a cultura, a lei, Deus.

É um principio do inconsciente que fala nos sonhos, no chiste, no sintoma, pois eu sei que aquilo foi produção minha eu quem sonhei, eu quem disse (é o outro eu), que não consigo reconhecer, parece que esta além de mim.

É local onde produzem os significados das palavras, que o analisando tenta me passar, porém eu interpreto de acordo com meus significantes, ou seja o significado sempre esta no outro e assim sucessivamente, o Grande Outro é aquele que detém o significado de tudo (no principio era o verbo).

O analista que será colocado neste lugar do saber, onde o analisando supões haver algumas respostas para seus problemas.

O paciente supõe que eu sou o grande outro, que tenho o significado das palavras e sabe o problema dele, eu não posso me colocar neste lugar, senão ele vai aceitar as minhas verdades.

O objeto “a”

O conceito inicia no (sem.10) e permanece por toda obra de Lacan;

Freud já falava de algo que foi perdido na primeira mamada do bebê que produziu uma satisfação pulsional.

Lacan utiliza este entendimento ao citar que o Grande Outro, ao separar o (“eu” do “outro”), produz uma perda, perda do lugar de desejo da criança, é o objeto perdido de Freud, é o que Lacan vai denominar de objeto “a”.

A medida que a mãe não é toda para criança que a mãe desloca seu olhar para outro lugar, produz uma perda na criança, esta perda este resto este pedaço perdido, Lacan denomina objeto “a”.

Este pedacinho que foi perdido levará o sujeito a sair pelo mundo em busca de encontra-lo, pois esta perda produziu a minha divisão, minha falta, minha incompletude, este objeto eu ei de agarrar-lo.

Só que por mais que o sujeito busque satisfação na vida o objeto sempre estará escapando, sempre estará perdido, sempre será um sujeito dividido (\$) incompleto e desejante.

A dúvida do analisando é o quão distante ele pode ficar do objeto de desejo e qual a distância mínima de sua proximidade o analista ajuda conduzir o sujeito por este caminho.

Esta objeto que foi perdido implicará na causa do desejo, o que significa que o desejo já é existente em nós e irá eleger os objetos de desejo que são variáveis e mutáveis, os objetos portam isso que seria a satisfação total, a **possibilidade** de satisfação total.

Eles sempre indicarão o objeto causa do desejo (esta no início), e não objeto do desejo (esta no final) o desejo não tem objeto; é causa porque funciona como uma espécie de matriz para a constituição dos objetos nos quais o desejo se alienará.

A mulher não existe

Quando penso na mulher, ela entra no processo de castração porque todos são castrados, todos passam pela experiência.

Ela se identifica em ter o falo, mas na fantasia o homem tem o não castrado, pensando na mulher, não existe a mulher não castrada.

A teoria dos conjuntos para que um conjunto possa existir é necessário haver uma exceção a este conjunto Ex. (professor/Aluno, Mestre/Discípulo, Advogado/foras da lei).

O falo define o homem, a mulher não tem significante que a defina.

O homem acaba ficando limitado a linguagem do falo, enquanto a mulher fala a linguagem do falo e todas as outras.

Sujeito do Suposto Saber

É o local onde o psicanalista se coloca na transferência, ou seja o analisando acha que o falo agora está com o psicanalista.

Se o psicanalista se colocar no lugar do falo ou seja aquele que sabe ele sai do lugar de analista e vai para o pai da ordem primitiva o que sabe, o vidente ou o Grande Outro.

Não existe relação sexual

Nos animais o coito é sempre os mesmo, são atraídos pelo cheiro, se encontram e há a relação sexual.

No homem não há um padrão pré-determinado a relação sexual tem haver com o desejo e o desejo esta ligado com o que tem mais de subjetivo em nós já que ele elege objetos.

Então o corpo do outro sempre aparece como tela de projeção das fantasias do sujeito o corpo é sempre um corpo fetichizado.

Para Lacan o amor é na sua essência narcísico e o sujeito se relaciona com suas próprias fantasias e usa o corpo do outro para projeta-las.

O Divã

“A clínica está sempre ligada ao leito e não se encontrou nada melhor do que fazer com que se deitem os que se oferecem à psicanálise; É em posição deitada que o homem faz muitas coisas, o amor em particular, e o amor leva a todo o tipo de declarações”.

O divã, essa peça do mobiliário, tornou-se há muito símbolo de uma psicanálise, ou até mesmo d'A psicanálise.

Como significante, ele representa para o Outro social o psicanalista, qualificado de herdeiro de Freud.

Até hoje, os freudianos continuam fazendo seus analisantes deitar: Lacan não tirou o divã do dispositivo analítico. Para a IPA, trata-se de uma norma padronizada da cura-padrão, a outra norma sendo a imposição da duração de pelo menos quarenta e cinco minutos por sessão, sem mencionar a regulamentação da frequência das sessões por semana.

Com Lacan, varre-se a padronização — o setting analítico é rompido para que o analista possa manejar a sessão de acordo com a única regra imposta ao analisante: a associação livre.

Contudo, Lacan conservou a condição do divã bem como as entrevistas preliminares: duas condições intimamente ligadas, uma vez que a indicação do divã pontua o fim dessas entrevistas, marcando a entrada em análise.

O fato de indicar aos pacientes que devem deitar será um procedimento meramente técnico? É o que pode parecer à primeira vista.

No entanto, com o retorno a Freud promulgado por Lacan, aprendemos que esse retorno é orientado: trata-se de buscar o fundamento ético a todo e qualquer procedimento técnico para remetê-lo à estrutura em causa. O divã tampouco deve escapar a isso.

“O divã é um leito de fazer amor, amor de transferência; Leito do qual toda satisfação é excluída: leito de suspiros, de suspirar pelo Um, de transpirar o pior, pois aí não tem pai que venha adormecer o desejo; (Lacan).

Direção da análise

Na teoria das relações objetais existe o objeto empírico de encontro, no modelo pulsional isso não tem como acontecer porque é da própria estrutura da pulsão a questão da falta do objeto, então não tem como o analista oferecer uma coisa que não existe, pois não é um destino empírico e encontrável.

Dentro disso em outras linhas da psicanálise ficam voltando ao passado com o intuito de reparar o que ficou faltando, que está impossibilitado ele desempenhar a função A B C na sociedade.

Em Lacan assim como Freud entendem que existe também uma fantasia com relação ao passado, lembrando que isso não necessariamente é uma verdade, volta ao passado, pega esta memória apenas como ponto de ancoragem para fazer as amarrações e direcionar ao futuro ou invenção do futuro.

O tempo lógico da sessão

Com o conceito de final de análise proposto por Lacan, a duração da sessão é uma função da análise na medida em que ela é terminável.

Nesse sentido, o final da análise deve estar inscrito em cada sessão e isso desde o início.

Não é sem propósito que essa questão do fim da análise já é evocado por Freud em “O Início do tratamento”. Ele a aborda pelo seu lado problemático: “nos primeiros anos de minha clínica psicanalítica, costumava ter a maior dificuldade em persuadir meus pacientes a continuarem sua análise. Esta dificuldade há muito tempo foi condições da análise substituída, e hoje tenho o maior trabalho para induzi-los a abandoná-la”. Esse tema será retomado por Freud em 1937, em Análise terminável e interminável, motivado justamente por essa dificuldade em fazer os analisantes terminarem suas análises.

Como vemos, este problema foi-se agravando desde sua constatação em 1913 até se tornar crucial para Freud no final de sua vida, situação que se prolonga para todo o resto da comunidade analítica até hoje.

Em “O Início do tratamento”, qual é a posição de Freud sobre o tempo da sessão? Ele relata que planificava as sessões, fixando seu número (seis vezes por semana, menos domingos e feriados), o horário e a duração de uma hora.

Cada analisante teria, assim, uma hora diária de sessão, da qual poderia dispor como quisesse, viesse ou não à sessão.

Apesar de Freud frisar que se tratava de regras que lhe convinham, elas foram erigidas em normas de padronização pela IPA que fez, entretanto, algumas correções convenientes do tipo: no mínimo três vezes por semana (em vez das seis vezes semanais) e uma redução no tempo de sessão, que passou de 60 para 50 minutos, sem que nunca fosse feita qualquer justificativa para essa modificação.

Assim, o analista passou a ser um delegado da instituição à qual se submete.

Desde 1953, essa obsessionalização foi denunciada por Lacan em seu ensino. Em contraposição a essas normas estabelecidas, ele propõe que o analista se oriente apenas pela palavra do analisante para conduzir a análise, que é essencialmente uma experiência de fala no campo da linguagem.

Isso que hoje nos parece evidente, dada a difusão do ensino de Lacan, não o era em 1953, já que nesta época a psicanálise estava dominada pela técnica da análise das resistências.

O que é esse tempo, que não é um tempo padrão, cronometrado, mas um tempo de acordo com o inconsciente? E se o inconsciente é atemporal, como diz Freud, como regular a sessão a partir do inconsciente?

Tal questão não poderá ser resolvida se não lembrarmos da primeira novidade trazida por Lacan quando iniciou seu ensino a partir do axioma: O inconsciente é estruturado como uma linguagem. Lacan assinala que o inconsciente não está dentro nem fora, mas sim na própria fala do analisante, cabendo ao analista fazer com que esse inconsciente exista.

A suspensão da sessão obedecendo, não ao tempo do relógio, mas à trama do discurso do analisante, responde a um esquema de comunicação evidenciado por Lacan e que é encontrado não só na análise como também na experiência comum do dia-a-dia.

RESUMO FINAL

Após esta avaliação sobre os principais pontos da teoria lacaniana conseguimos observar o quando a psicanálise proposta pela psicologia do ego se distanciou de Freud é notório que os avanços de estudos científicos como é o caso da neurociência vem a cada dia dando maior enfoque a descoberta do inconsciente freudiano deixado para trás pela psicologia do ego e resgatado por Lacan

A verdade é que Freud andava desacreditado havia tempo. Nos anos 1970, o filósofo austríaco Karl Popper já tinha chamado a psicanálise de pseudociência – segundo ele, suas hipóteses eram muito amplas.

Nesse cenário, ainda nos anos 1960, psicanalistas começaram a procurar soluções mais práticas e mensuráveis para os problemas da psique humana.

A resposta foi a criação da psicologia do ego endossada principalmente pela escola britânica de psicanálise, foi a partir desta teoria que surgiram terapias que prometiam a “cura mais rápida” um exemplo disto é a Terapia Cognitivo-Comportamental, ou TCC Criada por Albert Ellis e Aaron Beck, dois psicanalistas desiludidos com o método freudiano, a TCC prometia uma abordagem mais pé no chão, que não exigia atolar no lodo de nossos conflitos inconscientes.

Com o tempo, o termo “terapia baseada em evidência” a TCC passou a ser sinônimo do método, barata e com duração mais curta a estimativa era de solucionar o problema do paciente entre 8 e 16 semanas, por isso foi adotada com entusiasmo como principal política de saúde mental em diversos países.

Em 2015, pesquisadores noruegueses publicaram uma meta-análise mostrando que a eficácia da terapia cognitiva para tratar a depressão caiu pela metade desde os primeiros estudos, em 1977.

Ao mesmo tempo em que a TCC era posta em dúvida, uma novidade inesperada começou a surgir nas publicações científicas: o resgate da abordagem freudiana de terapia. Ao contrário do que se dizia, a psicanálise funciona, sim, e muito bem.

Um estudo de 2016, enorme e feito no sistema de saúde inglês, mostrou que, para os pacientes com depressão mais grave, 18 meses de análise foram muito mais efetivos que o tratamento padrão, que inclui TCC entre outras terapias.

O mesmo resultado vale para outros transtornos, inclusive os mais severos; É o que demonstra uma meta-análise publicada em 2008 no prestigioso JAMA, Journal of the American Medical Association, que concluiu que terapias freudianas com mais de um ano de duração são mais eficazes que terapias de curto prazo para pacientes com patologias complexas, como transtornos de personalidade.

Após todo este tempo fora de evidencia a psicanalise começa a ressurgir, a neurociência começou a se interessar por alguns dos conceitos fundamentais da psicanálise, como o inconsciente. Hoje, já se sabe que a maioria das nossas decisões e ações acontece, primeiro, nessa parte oculta da mente; só alguns milésimos de segundos depois é que tomamos consciência delas. Ou seja, o inconsciente já sabe o que você vai dizer antes mesmo de você pensar que quer dizer alguma coisa, e até escolhe as palavras para você.

Lacan sempre teve esta visão que o consciente não era o foco do psicanalista e que seria um erro adapta-lo.

São todos estes fatos que evidenciam o quanto Lacan estava certo em propor um retorno as bases de Freud como a sexualidade e o inconsciente deixados de lados pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA) que por muito tempo se oporão ferozmente as suas idéias chegando a expulsa-lo da instituição.

Muito tempo se passou desde a morte de Lacan, o que não passou foram os conceitos ensinados por ele e evidenciados agora pela atualidade, hoje a novidade na psicanálise é um retorno as obras de seu criador Sigmund Freud, apenas com uma diferença, uma nova leitura um novo olhar, um novo entendimento, mais rico em argumentações, mas propicio a evidencias científicas trazidos por Lacan para enriquecer ainda mais a obra do mestre Freud.

Finalizo com uma frase em homenagem a um grande psicanalista.

“Formei-me na Escola Freudiana de Paris, a escola presidida por Lacan. Foi com Lacan que aprendi a ler Freud. Sou um freudiano que leu e lê Freud com Lacan”. **Contardo Calligaris**: (02/06/1948 a 30/03/2021).

Palavras-chave: retorno a Freud, ler Freud com Lacan, Inconsciente.

FINAL SUMMARY

After this assessment of the main points of the Lacanian theory, we can observe how the psychoanalysis proposed by the psychology of the ego has distanced itself from Freud, it is clear that the advances in scientific studies such as neuroscience have been increasingly focusing on the discovery of the unconscious. Freudian left behind by ego psychology and rescued by Lacan

The truth is that Freud had been discredited for a long time. In the 1970s, the Austrian philosopher Karl Popper had already called psychoanalysis pseudoscience – according to him, his hypotheses were very broad.

In this scenario, even in the 1960s, psychoanalysts began to look for more practical and measurable solutions to the problems of the human psyche.

The answer was the creation of ego psychology mainly endorsed by the British school of psychoanalysis, it was from this theory that therapies emerged that promised the “quickest cure” an example of this is the Cognitive-Behavioral Therapy, or CBT Created by Albert Ellis and Aaron Beck, two psychoanalysts disillusioned with the Freudian method, CBT promised a more down-to-earth approach that didn't require getting bogged down in the mire of our unconscious conflicts.

Over time, the term "evidence-based therapy" CBT became synonymous with the method, cheap and with a shorter duration, the estimate was to solve the patient's problem between 8 and 16 weeks, so it was enthusiastically adopted as the main mental health policy in several countries.

In 2015, Norwegian researchers published a meta-analysis showing that the effectiveness of cognitive therapy for treating depression has halved since the first studies in 1977.

At the same time that CBT was being questioned, an unexpected novelty began to emerge in scientific publications: the rescue of the Freudian approach to therapy. Contrary to what was said, psychoanalysis works, yes, and very well.

A huge 2016 study carried out in the English healthcare system showed that for patients with more severe depression, 18 months of analysis was much more effective than standard treatment, which included CBT among other therapies.

The same result applies to other disorders, including the more severe ones; This is shown by a meta-analysis published in 2008 in the prestigious JAMA, Journal of the American Medical Association, which concluded that Freudian therapies lasting more than a year are more effective than short-term therapies for patients with complex pathologies, such as disorders of personality.

After all this time out of evidence, psychoanalysis began to resurface, neuroscience began to be interested in some of the fundamental concepts of psychoanalysis, such as the unconscious. It is now known that most of our decisions and actions take place first in this hidden part of the mind; only a few milliseconds later do we become aware of them. That is, the unconscious already knows what you are going to say before you even think you want to say something, and it even chooses the words for you.

Lacan always had this view that the conscious was not the psychoanalyst's focus and that it would be a mistake to adapt it.

These are all facts that show how much Lacan was right in proposing a return to Freud's foundations such as sexuality and the unconscious left aside by the International Psychoanalytic Association (IPA), which for a long time will fiercely oppose his ideas, even expelling him of the institution.

A long time has passed since Lacan's death, what did not happen were the concepts taught by him and evidenced now by the present time, today the novelty in psychoanalysis is a return to the works of its creator Sigmund Freud, with only one difference, a new reading a new look, a new understanding, richer in arguments, but

providing scientific evidence brought by Lacan to further enrich the work of the master Freud.

I end with a sentence in honor of a great psychoanalyst.

“I graduated from the Freudian School in Paris, the school presided over by Lacan. It was with Lacan that I learned to read Freud. I am a Freudian who read and read Freud with Lacan”. Calligaris account: (06/02/1948 to 03/30/2021).

REFERÊNCIAS

<https://psicopauta.wordpress.com/tag/psicanalise/>

<https://www.bettymilan.com.br/o-retorno-a-freud-de-jacques-lacan/> Acesso em: 05 julho.2021

<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/31796> Acesso em: 05 julho.2021

<http://www.adventista.edu.br/source2019/psicologia/Antonio-Quinet-As-4-1-condicoes-da-analise.pdf> Acesso em: 05 julho.2021

[https://super.abril.com.br/ciencia/o-retorno-de-freud/Lacan, J., "O Saber do Psicanalista" \(ciclo de conferências inédito\), 2 de dezembro de 1971.](https://super.abril.com.br/ciencia/o-retorno-de-freud/Lacan, J.,)

Quinet, A., Clínica da Psicose, Fator, Salvador, 1990.

Miller, J-A., "Entrada em análise", Falo no 2, Fator, 1988.

Platão, O Banquete, tradução do Prof. J. Cavalcante de Souza, Editora Bertrand Brasil S.A. (5a Edição), R.J., 1989.

Freud, S., "A dinâmica da transferência", ESB., vol. XII, p. 138.

Lacan, J., O Seminário, livro I, Jorge Zahar, pp. 51-54. 33.

Lacan, J., O Seminário, livro XX, Jorge Zahar, p. 67.

LACAN, J. (1968-69). O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. (1969-70). O Seminário, livro 17: o avesso dapsicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.